

Conclusão geral

A nossa dissertação está sendo concluída com uma consciência clara de que há muito para ser dito acerca da reflexão do respeito pela vida a partir do pobre e a relevância dessa compreensão de vida para a Teologia e vice e versa. A temática da vida é fascinante, inesgotável e desafiante para todo ser humano, mas é especialmente inquietante para a comunidade de fé e para todo cristão em particular.

Sabemos ao final de nossa pesquisa que um organismo vivo é caracterizado por um fluxo e uma mudança contínuos no seu metabolismo, envolvendo milhares de reações químicas. O equilíbrio químico e térmico ocorre quando todos esses processos param.

Todos os sistemas vivos são redes de componentes menores, e a teia da vida como um todo é uma estrutura em muitas camadas de sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos - redes dentro de redes interconectadas.

Organismos são agregados de células autônomas, porém estreitamente acopladas; populações são redes de organismos autônomos pertencentes a uma única espécie; e ecossistemas são teias de organismos, tanto de uma só célula como multicelulares, pertencentes a muitas espécies diferentes.

O que é comum a todos esses sistemas vivos é que seus menores componentes vivos são sempre células, e portanto, podemos dizer que todos os sistemas vivos, em última análise, são autopoieticos. No entanto, também é interessante indagar se os sistemas maiores formados por essas células autopoieticas - os organismos, as sociedades e os ecossistemas - são, em si mesmos, redes autopoieticas.

A característica central de um sistema autopoietico está no fato de que ele passa por contínuas mudanças estruturais enquanto preserva seu padrão de

organização semelhante a uma teia. Essas mudanças estruturais são auto-renovadoras. Assim sendo, todo organismo vivo renova continuamente a si mesmo, com células parando de funcionar ou, gradualmente e por etapas, construindo estruturas, e tecidos e órgãos repondo suas células em ciclos contínuos. Não obstante essas mudanças em andamento, o organismo mantém sua identidade, ou padrão de organização global.

Desde as formas de vida mais arcaicas e mais simples até as formas contemporâneas, mais intrincadas e mais complexas, a vida tem se desdobrado numa dança contínua sem jamais quebrar o padrão básico de suas redes autopoieticas. Reconectar-se com a teia da vida significa construir, nutrir e educar comunidades sustentáveis, nas quais possamos satisfazer nossas aspirações e necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras.

A teoria dos sistemas vivos nos fornece um arcabouço conceitual para o elo entre comunidades ecológicas e comunidades humanas. Ambas são sistemas vivos que exibem os mesmos princípios básicos de organização. Trata-se de redes que são organizacionalmente fechadas, mas abertas aos fluxos de energia e de recursos; suas estruturas são determinadas por suas histórias de mudanças estruturais; são inteligentes devido às dimensões cognitivas inerentes aos processos da vida. Assim, uma comunidade de vida diversificada é uma comunidade flexível, capaz de se adaptar a situações mutáveis, sustentada por uma teia de relações, que enriquecerá, por conseguinte toda a comunidade de vida.

É importante salientar que todos devemos buscar um paradigma que permita que a vida se desenvolva como um super organismo vivo integrado e que fomenta a solidariedade de todos os seres da criação, especialmente dos humanos. Em conformidade com Leonardo Boff e outros pensadores, sugerimos o paradigma da religião de tudo com tudo e que permita a emergência de uma religião, convergência na diversidade religiosa, que consiga a paz entre os humanos na Terra.

Importa também, redefinir o ponto de partida, que é a opção pelos pobres que inclui os seres mais ameaçados da criação. O primeiro deles é o próprio planeta Terra como um todo. Sabemos que não entrou suficientemente na

consciência universal ainda a aceitação de que o valor supremo é a conservação da vida e a manutenção das condições para a realização plena da espécie humana e demais espécies. Esta opção desloca a centralidade de todas as questões teológicas. Urge reafirmar uma opção pelos pobres do mundo, aquelas imensas maiorias da espécie humana que são exploradas e dizimadas por uma pequena minoria da mesma espécie.

O desafio será conseguir que os humanos se entendam como uma grande família terrenal junto com outras espécies e que redescubram seu caminho de volta à comunidade dos demais viventes, à comunidade planetária e cósmica. É altamente relevante garantir a sustentabilidade não de um tipo de desenvolvimento, mas do planeta Terra, a curto, médio e longo prazo mediante um tipo de prática cultural não consumista, respeitadora dos ritmos dos ecossistemas que inaugure uma economia do suficiente para todos e propicie o bem comum não só aos humanos, mas também aos demais seres da criação.

A vida deve ser compreendida como a origem e meta do projeto de Deus, ela está sempre em luta contra os projetos que produzem morte. O compromisso fundamental de um povo que conhece o projeto de Deus consiste em lutar de todas as formas para que a vida triunfe sobre a morte.

Em toda a Bíblia, existe um profundo sentido da vida em todas as suas formas, e um sentido muito genuíno de Deus, nos revelam que a vida, buscada pelo ser humano com uma esperança incansável, é um dom sagrado no qual Deus mesmo faz luzir seu mistério e sua generosidade.

A vida absorve tudo inclusive a morte já a partir deste mundo, pois quanto mais o cristão participa da morte de Cristo e é portador de sua missão, tanto mais manifesta essa vida em seu corpo. A vida verdadeira é buscar a Deus, é buscar o bem, a justiça da aliança de amor e de vida entre Deus e nós. Em última instância, amar a Deus implica em amar ao próximo e praticar a justiça e a misericórdia, em todos os relacionamentos, momentos e com todos os seres.

Surpreendentes contrastes caracterizam a situação do mundo atual. Uma minoria da população do planeta possui uma grande capacidade de acumulação de

riquezas que lhe permite gozar de um exagerado bem-estar, enquanto uma grande parte dos habitantes do globo luta para sobreviver em condições de indigência.

Ao observarmos a destruição da natureza, percebemos que as conseqüências são enormes, como o extermínio de várias espécies de vegetais e animais, enchentes, diminuição da umidade do solo, erosão, etc. Há uma escandalosa agressão à natureza e sua conseqüente depredação através do desmatamento incontrolado, das queimadas, da pesca predatória, da poluição de todas as formas, do abuso de agrotóxicos que levam uma ameaça à sobrevivência humana. Constatamos, assim, que a espécie humana se tornou uma crescente ameaça à sobrevivência do planeta. Ela se tornou um vírus destruidor.

Ante os desafios atuais torna-se urgente resgatar a dimensão do sagrado que existe em todas as coisas, pois a criação resulta do amor de Deus. Tudo é completamente obra de Deus, uma ação espontânea que brota da originalidade do seu amor incondicional. A criação é puro dom de Deus e, como tal, é algo gratuito. O Deus Trindade é essencialmente amor, por isso, a criação não é uma demonstração do seu poder sem limites, mas a comunicação plena do seu amor sem precedentes.

A criatura humana, feita da mãe-terra, recebeu a condição singular de participante do saber de Deus. Por isso, como imagem de Deus, diante da comunhão da criação, as pessoas humanas devem intervir a favor de Deus, sendo representantes d'Ele. E, como "imagem do mundo", ela está representando todas as outras criaturas diante de Deus. Dessa forma, as pessoas devem se apresentar diante de Deus em prol da comunhão integral da criação.

Nossa época está pedindo uma nova consciência do lugar do ser humano no mundo. As relações sociais hoje a nível mundial são de grande destrutividade da natureza e de grande exclusão social. O reconhecimento do direito da natureza, em sua dimensão de co-criaturalidade exige que se entenda como dever acatar os direitos das criaturas, respeitando-as. Daí torna-se imprescindível alimentar um respeito pela natureza, revalorizando o mundo não humano em seu "valor intrínseco" e reconsiderando o lugar do ser humano entre os demais seres. Pelo

fato de existirmos, temos um dever para com o futuro da humanidade e para com toda a vida no presente.

O ser humano, imagem de Deus, ocupa um lugar especial na criação. Como imagem de Deus é responsável, ou seja, chamado a responder pela própria vida, pelas relações inter-humanas e pela natureza, diante de Deus. Portanto, a responsabilidade com a criação é condição genuína do ser humano, inseparável da contemplação da natureza, que hoje há de estender-se à realidade global da vida na Terra. Para isso, faz-se necessário uma nova ética, uma ética do respeito e do cuidado.

A mentalidade moderna vê o ser humano como independente e desconectado do seu ambiente vital, posicionado acima e diante da natureza reduzida a objeto. Apoiado nas ciências e na tecnologia, o ser humano passou a considerar-se sempre mais como centro isolado do Universo, o "rei da criação". Em nossos dias, na era da subjetividade e do domínio mecanicista do mundo chegou aos limites definitivos através da contínua destruição da natureza, com uma concepção ética utilitarista e antropocêntrica.

Faz-se necessário reestruturar o nosso modo de vida e desenvolvimento que incidem de maneira agressiva e destrutiva na dinâmica e no equilíbrio da vida. O mundo é muito mais do que o ambiente próprio do ser humano e vai muito além do próprio subsistema dos seres vivos. Isto nos convida a alargarmos a visão da ética.

Nós não somos donos da natureza, somos parte dela e, portanto, co-responsáveis pela manutenção do equilíbrio social, político, econômico e ecológico. Se tivermos a percepção de nos compreendermos como parte da grande complexa teia da vida, então estaremos inclinados a cuidar de toda a natureza viva como uma missão especialíssima.

É preciso, pois como já foi dito uma nova compreensão do próprio ser humano, um modo diferente de construir o discurso ético embasado no conceito adotado em nossa dissertação como respeito e cuidado, ou seja, é necessário uma visão renovada da natureza como criação de Deus, com uma nova visão de mundo

que reconheça o valor inerente da vida humana e não humana, preferencialmente por aqueles que estão excluídos da vida. Lembramos do ser humano pobre e empobrecido, que vive uma nao-vida, degradante e humilhante. Pobre esse que não reflete em si a grandeza da vida do criador, pois lhe foi tirado tudo, inclusive o direito fundamental à vida.

Finalizando propomos uma ética bioecocêntrica que nos leve a integrar o equilíbrio dinâmico, na teia das relações globais, numa perspectiva de manutenção do todo, lastreada na co-responsabilidade. Ela deverá ter como conteúdo central a preservação e reprodução da vida, suscitando atitudes e formando o caráter dos agentes humanos, com uma conscientização ecológica cultural e com a transformação da sensibilidade humana em prol da vida, sobretudo compreendendo a vida a partir de quem não a tem em abundância.

Portanto, é mister necessário uma personalidade moral, configurada em atitudes de sensibilidade ecológica e reforçada por uma cultura ética correspondente, que tenha força para fazer frente a uma cultura do consumismo, do desperdício e da indiferença diante da natureza e da vida do pobre espoliado de todas as suas potencialidades e possibilidades latentes.

Assim a norma primordial do respeito pela vida é e deverá ser a vida mesma em seu sentido mais amplo, considerando todas as inter-relações que a envolva. Será preciso propor soluções adequadas e eficazes para a ação humana frente à natureza, buscando recuperar o sentido da fraternidade, da solidariedade e primordialmente o sentido espiritual-social-natural da vida de modo integrado.